

11 23252
GLORIAS DO TEJO
NOS FELICISSIMOS DESPOSORIOS
DO ILLUSTRISSIMO, E EXCELLENTISSIMO

SENHOR
HENRIQUE JOZÉ⁷
DE CARVALHO E MELLO,

Segundo Conde de Oeiras,
COM A ILLUSTRISSIMA, E EXCELLENTISSIMA
SENHORA

D. MARIA ANTONIA
DE MENEZES,

DEDICADAS

AO ILLUSTRISSIMO, E EXCELLENTISSIMO

SENHOR
SEBASTIAÕ JOZÉ⁷
DE CARVALHO E MELLO,

Primeiro Conde de Oeiras,

POR
DANIEL BOTELHO DE S. PAYO SOUZA
E ARAUJO.



L I S B O A :

Na Offic. de ANTONIO VICENTE DA SILVA.

MDCCLXV.

Com todas as licenças necessarias.

78400
X

AO ILUSTRÍSSIMO SENHOR
DE CARVALHO E MELLO,
Segundo Conde de Oeiras,
COM A ILUSTRÍSSIMA E EXCELENTÍSSIMA
SENHORA

D. MARIA ANTONIA
DE MENEZES,
DEVIDA
AO ILUSTRÍSSIMO E EXCELENTÍSSIMO

SENHOR
DE CARVALHO E MELLO,
Primeiro Conde de Oeiras,
POR
DANIEL BOTELHO DE S. PAYO SOUZA
E ARALJO.



T

Os factos de LISBOA:
Officio de ANTONIO VICTOR DA SILVA.
Largo a LAMEA MOURA
Com talha de...

AO ILLUSTRÍSSIMO, E EXCELENTÍSSIMO
SENHOR
SEBASTIAÕ JOZÉ
DE CARVALHO E MELLO,
Primeiro Conde de Oeiras.

ROMANCE HEROICO.

T Arde chegaõ, Senhor, ás vossas aras
Os sacrificios meus, que o rude plectro,
Quanto em vozes anima para os cultos,
Tanto a Muza lhe falta nos conceitos.

Porém suppraõ demoras neste applauso
A viva fé, os candidos desejos;
Pois no que tarda empenhos do discurso
Oblações anticipa nos desvêlos.

Que do voto não pende a efféncia clara
Da discreta eleição do proprio tempo;
Que só no puro extremo da vontade
Holocausto respira o doce affecto.

E chegue embora tarde ao sacrificio
Aquelle, que de humilde busca o templo,
Se no que affroxa palmos da grandeza,
Exaltações consagra do respeito.

Nesta certeza pois alegre canto
Em vossa gloria os jubilos do Tejo;
Sem que aspire nas maximas cadentes
A outro premio mais do que este premio.

Em tributo acceitai a tosca offerta,
Desculpando na frase os desconcertos;
Que tem para a desculpa indulto firme
Na justa confissão dos proprios erros.

Desculpai quanto a Musa tibia cala
Da vossa regia estirpe nos progressos;
Porque para mostrar grandeza tanta
Basta, Senhor, o rasgo mais pequeno.

Vivei felices annos, vendo sempre
Na excelsa prole o vosso nome excelso
Das sciencias no lustre respeitado,
Do valor dilatado nos empenhos.

Vivei,

Vivei, gloria da Lusã Monarchia,
Na protecção dos sábios, cujo exemplo
Vio Roma em seu Mecenas decantado,
De quem retrato sois, ó grande Mello.
Vivei honra dos Lares decorosos,
Dando assumptos á Fama os mais selectos;
Até que da Memoria nos altares
Descancem vossos altos pensamentos.

Mas no entanto, Senhor, a Musa grata
Novos cantos prepare, sem que o medo
Dos satyricos Faunos lhe perturbe
Os conceitos na voz, a voz no peito.

E quando a vil Mégera se me atreya,
A' vossa illustre sombra nada temo;
Bem que para cantar-vos necessite
Em cada voz hum metrico portento.

De Vossa Excellencia

O mais affectuoso, e humilde servo

Daniel Botelho de S. Payo Sousa e Araujo.

L I C E N Ç A S.

Do Santo Officio.

Vista a informação, póde-se imprimir o papel, que se apresenta, e depois voltará conferido para se dar licença que corra, sem a qual não correrá. Lisboa 26 de Outubro de 1764.

Carvalho. Mello. Lima.

Do Ordinario.

Vista a informação, póde-se imprimir o papel de que se trata, e depois torne para se dar licença para correr. Lisboa 6 de Novembro de 1764.

D. Jozé A. de Lacedemonia.

Do Paço.

Que se possa imprimir, vistas as licenças do Santo Officio, e Ordinario, e depois de impresso, e revisto, torne para a licença de correr. Lisboa 25 de Janeiro de 1765.

D. Velho. Siqueira. Affonseca. Castro.

EPITHALAMIO.

DE amor no doce effeito contemplando,
Meu triste pensamento divertia,
Entre aquellas imagens lifongeiras,
Que foraõ casto empenho da vontade:
Como aquelle, que o thalamo decente
Amante desfructava;
Quando Morptheo a vara portentosa
Nos ares tremolando,
Hum languido vapor no peito infunde,
Em que tanto minha alma se perturba;
Que prostrada daquelle impulso activo,
Confunde o racional, e o sensitivo.

De hum claro sonho comprehendido logo,
Troquei da morte os funebres ensayos
Na vibraçãõ dos rayos,
Que da luz visual ao puro objecto
O immortal espirito rebate:
Recolhendo nas lucidas especies
Os distinctos empregos,
Que os olhos naõ percebem;
Pois só espelhos saõ, que a luz reflectem;
E parece que vi, rompendo a esfêra
Do ar rarificado,
Hum Cometa das nuvens arrojado.

No coração afflicto se congella
 O sangue do alto pulso commovido :
 Tremem os duros membros ,
 As ternas faces perdem
 A viva cor da graça despojadas ;
 E neste horror, que o susto diffundia,
 Por entre as sombras , já rompendo o dia,
 Hum Paraninfo vejo,
 Cujo bello semblante
 De rubi , e diamante
 Animando a sagrada compostura,
 Era encanto da mesma formosura.

Hum caduceo na sacra mão sustenta,
 Na frente huma grinalda de Amarantho,
 De brancas plumas as ligeiras azas,
 De carmesim lustroso a capa errante ;
 E recobrando o rosto
 A cor perdida no primeiro affalto,
 Escuto docemente
 Do Paraninfo as vozes mais contente ;
 Que desatando os halitos fragrantés,
 Deixa o tosco aposento
 Cheyo de aromas , cheyo de alegria :
 O silencio rompendo me dizia :

Es tu aquelle Vate Lusitano
 De Caliope filho,
 Que sobre o grande sacro Promontorio,
 Entre os cultos festivos,
 Do grande Conde a gloria proclamaste?
 Es tu aquelle, que das Nupcias claras
 Os vaticinios raros
 De Proteo decantaste alegremente?
 Nessa prizaõ de Mello esclarecida,
 Na florecente rama de Menezes,
 Cujos fructos serãõ por sublimados
 Até da mesma inveja respeitados?

Es tu aquelle, cujo ousado intento
 Sóbe a romper a Esféra diamantina,
 Como aquella, que, o ninho desprezando,
 Incendios bebe sem temor do estrago,
 Esquecida do barbaro despenho,
 Que sente o Pó nas candidas enchentes;
 Chora Climene em prantos crystallinos,
 Os precipicios vendo lastimosos?
 Pois como te demoras
 No torpe somno malogrando o tempo
 Vem commigo, verás no Olympo a scena,
 Em que mais digno culto o Ceo lhe ordena.

Quando em rapido giro sobre as nuvens
 Me vi em hum momento,
 Setta animada, vivo pensamento:
 Do Paraninfo entaõ me amparo afflicto,
 De huma luz delicada mal ferido,
 Que em circulo brilhante
 Ao centro corre do primeiro Astro:
 A Lua digo, de huma etherea massa
 Composiçaõ luzida;
 Cuja substancia pura
 Huma subtil materia fomentando,
 Da luz me priva, os rayos dilatando.

Fecho os olhos, desf Mayo; e desta sorte
 As estéras rompi, ao monte chego;
 Onde o meu conductor com doce affago
 Me banha nos crystaes de hum grande lago;
 Em cuja margem bella
 As ancias venço do mortal conflicto:
 Consonancias respiro,
 Vejo hum Ceo claro, hum Sol resplendente,
 Hum monte de boninas matizado,
 Hum ar de brancos Cisnes povoado,
 Hum Zephyro constante,
 Que a Flora lisonjea puro amante.

EPITHALAMIO.

5

Firmo a planta, querendo a verde fralda
 Girar do sacro monte
 Com valor peregrino;
 E me suspende a Ninfa de huma fonte,
 Cujos murmureo brando
 Pelos ouvidos fere lifonjeiro
 O coração robusto;
 E logo me convida hum bosque effeſſo
 De cedros levantados
 A dilatar-me hum pouco;
 Quando alli me arrebatou o doce encanto
 Das tenras aves no ſonoro canto.

Grita Mercurio: De que neſcio paſmas?
 Guarda para os aſſombros, que te eſperaõ,
 As ſuſpenſoens: em tanto
 Sóbe, sóbe commigo ao cume excelſo,
 Onde aquelle, que, em ouro transformado,
 Gozou da bella Danae, jaz no throno;
 E no peito, do eſtimulo banhado
 Hum eſpirito nobre,
 Respira elevação, brio confórme;
 E ſem que me detenha
 Belleza tanta, tanta variedade,
 Do monte fui pizando a immenſidade.

Chego feliz ao alto cume; e logo
 Ablorto fico, fico arrebatado
 Na bella architectura,
 Que nos bronzes, e mármore extinto
 Deixa o nome de Paro, e de Corintho.
 Hum portico soberbo se elevava
 No frontispicio regio,
 Que hum rayo de ouro fino rematava;
 (Insignia do Tonante)
 Esmaltado com vivos de diamante:
 Columnas mil sustentaõ de alabastro
 A maquina Celeste, immovel Astro.

As portas saõ de Ophir luzidas barras,
 Do Pothosi a escada;
 Sublime producçaõ, que deixa exaustão
 Nas entranhas maternas
 O metal precioso, o rico fausto.
 A fala, que introduz ao sacro folio
 Onde Jovê se ostenta simulacro,
 De chrysolito ornava o pavimento:
 As paredes de finas esmeraldas,
 O tecto de granadas luminosas,
 Que do buril mostravaõ nos progressos
 Dos gigantes os miseros successos.

Aqui o passo tímido movia
 Attento, peregrino, e receyoso ;
 Pois temia, se os passos alterava,
 Que o lucido chryfolito quebrava.
 Desta sala no fundo respeitoso
 Hum portico subia,
 A cujos lados dous centauros de ouro
 Iguaes columnas firmaõ sobre os hombros
 De çrySTALLINA massa ;
 Em cujos capiteis de puro aljofar
 Hum pavelhaõ pendia recamado
 Com dous fios de perolas traçado.

Alli Mercurio pára, alli me entrega
 Do pasmo á força em braços do respeito:
 Alli de hum frio gelo o peito inunda,
 O coração desfmaya, a fronte banha
 De liquido vapor: alli me assombra
 De Jovê a sempre eterna magestade ;
 Que desde o grande throno, que occupava
 Da terra até o centro,
 Se respeita, se adora, se dilata ;
 E quando em sustos mil naufraga o peito,
 A temerosa planta negligente ;
 Me falla o grande Nume docemente :

Naõ temas , Luso Vate , naõ te affombre
 Este rayo , que vibro fulminante ,
 Pelos robustos Ciclopes forjado ,
 Que só tem por objectos
 Soberbas torres , vigitantes cedros ;
 E naõ deve temer os seus impulsos
 Cana debil , arbuſto delicado :
 Vem a meu throno , vem , naõ te dilates ;
 Que os fados inimigos
 Arbitros faõ do mais feliz destino :
 Naõ malogres o bem de hum claro dia ,
 Onde tudo he prazer , tudo alegria .

Dos mais illuſtres Genios conduzido
 Ao throno chego do ſupremo Jove ,
 Que avultado brilhante ,
 Nos olhos ſe introduz fino diamante ;
 Cujos degrãos faõ lucidos Planetas ,
 Cujos eſpaldar de Eſtrellas fabricado
 Hum luzido brocado
 Fórma taõ excellente ,
 Que he hum Sol cada flor reſplendente :
 O docel claramente ſe retrata
 Hum eſtavel Cometa , o rico aſſento
 A Lua fabricou de rayos cento .

Alli me inclino junto ao throno excelsõ ;
 E logo o Rey dos Numes
 Benigno me recebe :
 A Caliópe chama ,
 Que me guia, me abraça, e que me inflamma:
 Entre as Musas me assenta ;
 Em cujos hombros vejo o grande Apollo,
 Como em throno decente ,
 Na quarta esféra occupa refulgente ;
 E dilatando a vista receyosa,
 Entre os Numes celestes firme vejo
 Em braços de Neptuno o patrio Tejo.

Fez signal o Tonante ; e logo os Deoses ,
 Do silencio despojos ,
 Apenas respiravaõ ;
 Quando profegue o Nume omnipotente
 Em grave tom dizendo :
 Filhos meus , altos Numes ,
 Cuja essencia divina , e magestosa
 Naõ teme dos mortaes o fim penoso ,
 Nem do rapido tempo o vil destroço ;
 Antes sempre triunfante subsistindo
 Do fado mais perverso ,
 Se vê na estavel planta do Universo.

Já sabeis que a loquaz Ninfa volante,
 De cuja perispicacia não se isenta
 O tumulto do Sol, do Sol o berço;
 Neste Alcaçar Divino,
 Depois de ter nos Orbes dilatado
 A noticia gostosa
 Do Conforcio feliz, que em Ceo, e terra
 Se respeita, se adora, se proclama
 De Lyfia glória, timbre dos Menezes,
 Dos Mellos, dos Carvalhos, dos Mendonças
 Braço reproduzido,
 De tanto Heróe famoso deduzido:

Que neste Alcaçar, digo, luminoso,
 Ferindo a sacra tuba,
 Deu em voz de metal, com eccos cento,
 Das Nupcias a certeza,
 Que o bello Adonis, que a formosa Venus
 Amantes celebráraõ;
 Nas aras de Hymeneo Henrique sendo
 Holocausto brilhante,
 Sacrificio lustroso
 Maria sendo; quando em mutua gloria
 Hum, e outro Conforte por fineza
 Cede o valor, tributa a gentileza.

Naõ ignorais, ó Deoses, quanto deve
 Minha beneficencia, meu desvélo,
 Em virtuosos actos repetidos
 A taõ altos illustres Ascendentes
 Desses, que amor desfructaõ
 Em doce alegre thalamo de amores;
 E que devo por digna recompensa
 Felicitar-lhe as vodas,
 Em que prezos no vinculo sagrado
 Os dous viçosos ramos,
 Quanto em flores lhe deo a antiga idade,
 Promettem fructos da mayor bondade.

Sejaõ, pois dispensais meus attributos,
 Vossos aspectos claros, e benignos,
 Nas influencias puras
 Da minha gratidaõ indicio certo:
 Cultos sejaõ de tanta heroicidade
 Hymnos sagrados, prosperos auguros,
 Que do futuro cantem
 Em voz, que o mundo assombre,
 Ignorados triunfos,
 Que de amor nos effeitos deste laço
 Com singular excelsa primazia,
 Seraõ gloria da Lusã Monarchia.

Disse, quando ferindo os instrumentos
 As nove Irmaãs discretas, e formosas,
 Com ternas vozes no clamor votivo,
 Saõ dos olhos encanto, e dos ouvidos;
 Porém da Thracia o Deos com grave aspecto,
 Inclinando-se a Jupiter sagrado,
 Lhe disse em altas vozes: Sacro Nume,
 De Saturno, e Cibelles filho amado;
 Cujos pendoens vio Creta sempre ornados
 Da Aguia perspicaz, triunfante, e bella:
 Cujos esplendor no ethereo pavimento
 Adora o Mar, a Terra, o Firmamento.

Bem sabes, ó Tonante,
 Que sou da guerra o Nume venerando,
 Filho de Juno, digna esposa tua;
 Que por alto destino
 Concebeo de huma flor em sacro fructo:
 Que sou aquelle, cujo braço adusto
 (Naõ te offendas) do campo nos ensayos,
 Que nem a força teme dos teus rayos:
 A cujo nome intrepido respeita
 O Tartaro soberbo, o Persa astuto,
 O valente Europêo, o Turco forte,
 As Furias, finalmente a mesma Morte.

Que fou dos Lusos Tutelar Deidade
 Bem conheces, ó Jove: que os meus templos,
 Por seus grandes triunfos respeitados
 Nos pendentes despojos, viraõ sempre
 Os Celtiberos, Gallos, e Fenices,
 Naõ ignoras: que devo a seus progressos
 A fundação de Roma; sabe o mundo:
 Que de Henrique Jozé a Lusa estirpe,
 Do meu sagrado esforço protegida,
 Foi sempre a meus altares
 Digna nos votos, nos tributos grata,
 Nos troféos, que me obrigaõ, se retrata.

E se acaso te esqueces, bem recorda
 De Ramiro segundo o nome excelso,
 E do settimo Affonso a clara fama:
 Dos Senhores de Lara,
 Dos Principes Biscayos, de Naxera,
 Troncos sempre fecundos, que brotaraõ
 Aquella de Mendonça excelsa rama:
 Verás de Mello, de Carvalho o lustre
 Em Africa, na Asia taõ famoso:
 Verás na Patria, sempre esclarecidos,
 De huma, e outra Familia Heróes prudentes
 Na bellica estacada os mais valentes.

Que devo nos festivos cultos sacros,
 Em que os Deoses empenhas,
 Ter a primeira parte, quem duvida?
 Ter o lugar primeiro nos applausos
 Quem disputar-me póde?
 Minerva: (disse a Deosa) e logo empunha
 A lança vencedora :
 Embraga o forte escudo, ao vento dando,
 Despojo no cabello de ouro fino :
 A roupa carmesim mal preza, e vaga,
 O semblante de ardores revestido,
 Com prompta voz, com ar desimpedido,

Recorda, (profeguo) ó Pay amante,
 Que parto sou do teu entendimento,
 Nume das letras, Nume das esquadras;
 Que sou aquella, cujo esforço invicto
 O Gigante prostrou; que o filho amado
 Da tua Alcmena vió reproduzido :
 Dos Varoens mais insignes protectora,
 Ou sejaõ Lufos, ou estranhos sejaõ,
 Nas letras, ou nas armas illustrados;
 E por tantas razoens, motivos tantos,
 Inda que se arriscasse a immortal vida,
 Não me viraõ teus olhos preferida.

Confesso, que na Lusã Monarchia
 Os Mellos foraõ sempre Heróes preclaros
 Do grande Fremaris producto excelso:
 De Henrique na ascendencia dilatado
 Em ramos florecentes;
 Onde sempre a famosa Heroicidade
 O mundo conheceo identidade:
 Que os Carvalhos na Africa valentes,
 E na patria se viraõ laureados
 Com os grandes Mendonças, e Furtados;
 E que os Condes de Daum sempre famosos
 Generaes foraõ dignos, e lustrosos.

Que dos Menezes, alta, e regia prole
 De ElRey Fruella, de Leaõ segundo;
 Dos Senhores de Aza, os de Naxera,
 De Ramiro segundo,
 De D. Gracia Sanches, Rey famoso
 De Navarra, Senhores de Albuquerque,
 E de ElRey D. Diniz mimosos fructos;
 De Rappach, e Reyner os altos Condes,
 Do primeiro Marquez de Arronches Sousa,
 Decimo neto do terceiro Affonso,
 E de Mathilde esposa desgraçada
 Do thalamo, do Sceptro despojada.

Que no Conde de Oeiras já segundo,
 Na formosa Condessa o mundo observa
 Na ascendencia de tanto Heróe preclaro,
 Que são dignos de Marte reconheço;
 Das sciencias porém se reparares
 Em tanto Alumno, tanto Heróe supremo,
 Que na estirpe de Henrique sublimada
 Na toga duplicou a luz da espada;
 Dirás, que a primazia
 He de Minerva só, em cujas aras
 Vio a Fama nos puros holocaustos
 Quanto devo pagar-lhe em cultos faustos.

Neptuno, que impollando as verdes fauces
 Os Numes escutou enfurecido,
 De tanta gloria digno pertendente;
 Com iracunda voz a Pallas disse:
 Quantas vezes, ó Deosa, quantas vezes
 Verá o Ceo, e a terra competir-me
 O teu sagrado esforço?
 Athenas, que te adora lisonjeira
 Na util producção de huma oliveira,
 Confessa mudamente
 Do marino quadrupede no alento
 Quanto deve a meu claro vencimento.

Ignoras por ventura, que em meus templos
Dos Lusos foraõ os sagrados votos
Lisonja nos altares?
Quantas insignias pendem das fimalhas
De seus braços despojos peregrinos?
E quantas de coral grinaldas bellas
As paredes guarnecem?
Thetis o diga, minha amada esposa:
Falle o Tejo, o Pactolo, o Nilo, o Ganges,
Adamastor, aquelle a cujo aspecto
Eolo se intimida, se desmaya,
E vai beijar-lhe a maõ na ignota praya.

Naõ sabes, q̃ os Furtados, q̃ os Mendonças,
Os Mellos, os Carvalhos, os Menezes
A's minhas aras sempre em culto digno
Triunfantes chegaraõ,
Tremolando as bandeiras vencedoras,
Que tanto o Sceptro meu lisonjearaõ?
Que de Affonso Furtado
A insignia valente
Equivocado tem o graõ Tridente?
Que Joaõ de Carvalho,
Do mar vencendo as furias mais tyrannas,
Foy estrago das Luas Othomanas?

Que Fernão de Carvalho
 Dos Indios sujeitando o bravo orgulho,
 Do Indo nas enchentes,
 Do Ganges nas ribeiras
 Me tributou mil perolas brilhantes?
 Que de Henrique de Souza nas viagens
 Repetidas a Holanda, a Inglaterra
 Embaixador supremo,
 Politico famoso,
 O voto seu me obriga magestoso;
 E que por taes razoens ao Conde devo
 Preferencia no culto, a que me atrevo?

Disse; quando rompendo em altas queixas
 De Epheso a Deosa, falla ao graõ Tonante:
 Já te esqueces de mim? Já te não lembra
 Latona, em cujos braços descançaste?
 De cujo amor foi claro productivo
 O coração Divino, que me alenta?
 Diana fou, da caça o Nume excelso,
 Dos bosques Tutelar, Deidade pura,
 Em cujo altar os regios ascendentes
 Dos felices Esposos,
 Como dignos tributos, dedicáraõ
 Os tigres, e os leoens, de que triunfáraõ.

E permittes se opponhaõ respeitofos
 Marte, Neptuno, e Pallas
 A meu devido obsequio nestes cultos;
 Pertendendo com barbara porfia
 O lugar, que a Diana competia?
 Porém Amor, que afflicto suspirava
 Em braços da belleza,
 Hum ay, que o vento fere, hum ay cançado,
 Desafogo do proprio sentimento,
 do peito desatando,
 Entre as lagrimas bellas, que derrama,
 Mais aviva o calor, em que se inflamma.

A linda Cytheréa soluçando
 O filho expõem aos olhos do Tonante;
 E cobrindo o semblante
 Com a maõ delicada,
 O que sente não diz; porém calando
 Se explica mais, que os outros bem fallando.
 Apollo, que hum desdem amante segue,
 Lhe diz: Não chores, não, ó Venus bella;
 Que me offende na candida ternura,
 A dureza de hum tronco ingrato sempre.
 Mas oh não cales, segue o fim da empreza,
 Que tudo vence o pranto na belleza.

Commovido das lagrimas serenas
 Daquelle, cuja planta mal firmada
 De branca fez a rosa nacarada;
 O grande Jove com semblante alegre
 Diz aos Numes sagrados desta fórma:
 Oh quanto, quanto gosto me resulta
 Desta feliz contenda,
 Em que os vossos empenhos me consultaõ!
 Resolverei; porém antes se escute
 Astréa minha filha, o claro Tejo;
 Que pôde ser na gloria deste dia
 A hum dos dous se deva a primazia.

Astréa, cujo peito incontrastavel
 Na contenda se vio; calando attenta,
 Erguendo hum pavelhaõ de rica téla,
 Descobre huma tribuna,
 Em que hum vulto de jaspe transparente,
 De Carvalho cingida a regia fronte,
 Na maõ esquerda com sagrado indulto,
 Da Justiça a balança tem pendente:
 Na direita huma espada vigorosa,
 Nos hombros huma esféra sustentando,
 Com firme passo, e digna similhaça
 Daquelle, em cuja espadoa o Ceo descansa.

A cuja vista portentosa inclinaõ
 Todos os Numes as sagradas fronte;
 Quando Astréa risonha
 Com terna voz lhe falla, assim dizendo:
 Este vulto, que vedes magestofo,
 He do Conde de Oeiras copia bella
 Excelso Pay do Conde Elpofo Excelso,
 Em cujos hombros toda a esféra Lufa
 Descança felizmente;
 Em cujas mãos, com providencia culta,
 Minhas próprias insignias collocando
 Estais, ó altos Numes, contemplando.

N Por mim vos falla, sim, por mim se empenha
 Desta, que fomentais digna contenda;
 E bem que mudamente, está clamando:
 Quem disputar-lhe deve o que resolve?
 Alli vereis naquella mente augusta,
 Incomparavel sempre,
 Os dotes, que reparte
 A mão de Jove em tanto Heróe sublime.
 Alli vereis das excellencias suas
 A fronte coroada:
 Vereis, se póde ser, a immensidade
 Do valor, da sciencia, da lealdade.

E quem, fenaõ Astréa, ser devia,
 Do caro Filho na prizaõ suave,
 A que lhe ministrasse o puro incenso,
 A que lhe dedicasse o culto amante?
 O Tejo, que de gosto em si naõ cabe,
 Com doce voz, em claro som profegue:
 O' Deoses, sacros Deoses,
 De cuja inspiraçaõ vivem pendentés,
 O racional, o bruto, a ave, o tronco,
 A penha estavel, tudo finalmente;
 Tudo quanto o mar liquido circunda,
 Illustra o Sol na entranha mais profunda.

Quem mais q̃ o Tejo nos Heróes do Tejo
 Tem parte? Excellsa parte?
 Quem de Pancaya no perfume grato
 Devera ministrar-lhe o digno culto
 Primeiro que o meu braço?
 Mas naõ contendo a preferencia clara;
 Antes o vosso empenho me assegura,
 Para a historia futura,
 Alto ser, gloria firme, eterno lustre!
 E tu, fiel transumpto
 Daquelle, cuja mente sublimada
 Será sempre applaudida, sempre amada:

Em tributo recebe
 As perolas brilhantes;
 Os crystaes, os chrysolitos luzidos,
 As verdes esmeraldas,
 Por mimo deste laço venturoso,
 Por timbre destas nupcias soberanas,
 Em prenda do conforcio, que celebra
 Esse Adonis feliz, feliz Narciso
 Com a bella Pandora,
 Gloria minha, que inveja a mesma Aurora,
 A quem o grande Jupiter permitta
 Aquelles dons, que aos Numes facilita.

Já vedes, filhos meus, Numes sagrados,
 (Disse Jove banhado em terno pranto)
 Já vedes quem prefere para os cultos
 Do meu amado Henrique,
 De Maria das Graças tres producto;
 Esses, que em brando thalamo desfructaõ
 Glorias de amor, extremos da ventura;
 Mas como só me empenho
 Em tributar-lhe applausos;
 Resolvo, que hoje unidos vossos peitos
 Hum reciproco amor, por mais victorias,
 Augmente em sacros dons do Tejo as glórias.

Em mutua voz os Numes todos clamaõ
 De Jupiter os vivas alternados ;
 Cedendo por tributo
 Os coraçoes nas aras da Concordia :
 Mavorte com respeito o mais profundo ,
 Minerva com estímulo sagrado ,
 No grande Pay do Filho a copia vendo ,
 Esta lhe rende a borla , aquelle a espada
 O Tridente Neptuno , a Deosa casta
 A sanguinosa lança ,
 Febo das letras o solar brilhante ,
 Sagradas providencias o Tonante.

Lucina , que da Espoſa não se esquece ,
 O thalamo fecundo lhe promette ;
 A uniaõ ſagrada Amor lhe inspira ,
 Juno o' respeito , Venus a belleza.
 Ao meſmo tempo o lindo Ganymedes
 Nas mezas concertava
 As copas , em que o nectar derramava ,
 De fina Ambroſia os pratos guarnecendo ;
 Arrojando as cadeiras de ſaphira :
 Os Numes convidando ,
 Huma cadeira de topazio fino
 Referva ao Deos Tonante , ao Rey Divino.

Em quanto os Deoses sacros,
Em seus proprios lugares divididos,
Brindavaõ docemente
Os Esposos felices;
O Tejo, que nas glorias se inflammava
De taõ ditoso empenho, assim clamava:
O' dia grande aquelle, Henrique amado,
Em que verás nas flores de teus annos
O fazonado fructo
De tanto regio tronco,
Singular em virtude, em prendas vasto;
Pois he hum filho o premio de amor casto.

A este dia grande, grandes dias
De sublimada gloria
Os fados te promettem
Na successaõ preclara,
Em que os grandes Avós reproduzidos,
Respeitados seraõ, seraõ temidos;
E crescendo no estimulo bizarro
Os bellos Cupidinhos,
Das letras cultivando o monte alegre,
As luzentes espadas esgrimindo;
Sepultaraõ com timbre mais que ufano
As memorias de Cesar, de Trajano.

Aqui chegava o Tejo, aqui rendido
 A' força do lethargo estive hum pouco;
 Mas logo despertando, em vaõ suspiro
 Triste, só, e distante
 Do bem, que me deixou, qual sombra errante;
 Porém a vossos pés, Excelso Conde,
 Nada me falta, todo o bem desfructo;
 Pois que dita mayor, mayor ventura,
 Que beijar-vos a mão! Onde se apura
 O motivo das glorias,
 Em que o Tejo se eleva, se arrebatada,
 Que mal no tosco plectro se relata.

F I M.

L
 78400